

ALAMEDA DAS PALMEIRAS

Decreto nº 5056 de 19-01-1977, Artigo 1º, Inciso 1º, Item "I"

Formada pelas ruas 1, 7 e 8 do Alto da Nova Campinas

Início na Rodovia Heitor Penteado

Término na divisa do loteamento

Alto da Nova Campinas

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 997 de 14-01-1977 em nome da Secretaria dos Negócios Jurídicos.

PALMEIRAS

As palmeiras se constituem numa das mais belas plantas do reino vegetal, sendo notória sua reputação na ornamentação de jardins. As palmeiras estão reunidas na família das palmáceas que abrange cerca de 1.200 espécies, na maioria de textura lenhosa, sendo componentes típicos da vegetação tropical e subtropical. O nome da família vem da designação dada às folhas, palmas, que conferem a essas plantas uma fisionomia particular, tornando-as facilmente identificáveis. As palmeiras possuem um tronco simples ou entouceirado, muito raramente ramificado, com uma coroa de folhas no ápice. As folhas são típicas, no geral grandes, arredondadas ou palmadas, à maneira de leque. No cume do tronco, as folhas formam um conjunto de textura suculenta. Esse conjunto é o palmito, de amplo emprego na alimentação. Os frutos das palmeiras, chamados de cocos ou coquinhos, são bagas ou drupas. Diversas palmeiras são de grande valor industrial. Em Campinas, tornaram-se célebres as belíssimas palmeiras Imperiais plantadas no Jardim Carlos Gomes, no século passado.



DECRETO N.º 5056, DE 19 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominações a diversas vias públicas da Cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas as vias públicas do Alto Nova Campinas e Sítios de Recreio Gramado.

1.º ALTO NOVA CAMPINAS:

I — ALAMEDA DAS PALMEIRAS — formada pelas Ruas 1, 7 e Rua 8 que fica junto ao quarteirão n.º 6753 do Cadastro Municipal, com início à entrada do loteamento junto a estrada para Sousas e término na divisa do loteamento.

II — ALAMEDA DOS PINUS — formada pela rua 2, com início à Rua 1 e término à Rua 7 do mesmo loteamento.

III — ALAMEDA DOS INGAZEIROS — formada pela rua 3, com início à Rua 7 e término na mesma Rua 3 desse loteamento.

IV — ALAMEDA DAS ESPATÓDEAS — formada pela rua 4, com início à Rua 3 e término no balão de retorno existente no quarteirão n.º 6691 do Cadastro Municipal.

V — ALAMEDA DAS PAINEIRAS — formada pela rua 5, com início à Rua 3 e término na mesma Rua 5 desse loteamento.

VI — ALAMEDA DAS TÍLIAS — formada pela rua 7 que fica situada no quarteirão n.º 6696 do Cadastro Municipal, com início à Rua 6 e término no balão de retorno.

VII — ALAMEDA DAS JAQUEIRAS — formada pela rua 6, com início à Rua 5 e término na mesma Rua 5 desse loteamento.

VIII — ALAMEDA DAS LARANJEIRAS — formada pela rua 8, com início à Rua 6 e término na mesma Rua 6 desse loteamento.

IX — ALAMEDA DAS BAUNIAS — formada pela rua 9, com início à Rua 8 que fica junto ao quarteirão n.º 6753 do Cadastro Municipal e término à Rua 6 do mesmo loteamento.

X — ALAMEDA DOS FREIXOS — formada pela rua 9 que fica situada entre os quarteirões de números 6691 e 6696, com início à Rua 8 e término na entrada Sul do loteamento.

2.º — SÍTIOS DE RECREIO GRAMADO

I — ALAMEDA DAS ARAUCÁRIAS — formada pela rua 1, com início à Avenida 1 e término no balão de retorno.

II — ALAMEDA DOS CAMBARÁS — formada pela rua 2, com início à Avenida 1 e término no anel rodoviário.

III — ALAMEDA DAS TIPUANAS — formada pela rua 3, com início na estrada para Sousas e término na divisa do loteamento.

IV — ALAMEDA DOS CIPRESTES — formada pela rua 4, com início à Rua 5 e término no balão de retorno.

V — ALAMEDA DOS IBISCOS — formada pela rua 5, com início à Rua 3 e término à Rua 7 desse loteamento.

VI — ALAMEDA DOS AZINHEIROS — formada pela rua 6, com início à rua 6 e término na estrada para Sousas

VII — ALAMEDA DOS ULMEIROS — formada pela rua S/D que fica situada no quarteirão n.º 6750 do Cadastro Municipal, com início à Rua 6 e término no balão de retorno.

VIII — ALAMEDA DOS VIDEIROS — formada pela Avenida 1, com início na divisa Oeste do loteamento e término na divisa Norte do loteamento.

IX — ALAMEDA DOS FLAMBOYANT — formada pela Avenida 2, com início à Avenida 1 e término na divisa Oeste do loteamento.

X — ALAMEDA DAS CISALPINAS — formada pela Avenida 3, com início à Avenida 2 e término na divisa Norte do loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 19 de janeiro de 1977.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serv. Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 997 de 14 de janeiro de 1977, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 19 de janeiro de 1977.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

Arvores da cidade

Tempo faz paineira trocar o verde pelo triste cinzento

Helmut Paulo KRUG

NO Vale do Anhangabaú, perto da praça das Bandeiras, existe um grupo de arvores — três, ao todo — bastante crescidas, com mais de 20 metros de altura, que a Prefeitura enfeita por ocasião do Natal. São paineiras, provenientes das florestas de uma vasta região que se estende por varios Estados, inclusive o nosso.

Pertence ela à família botânica das Bombacaceas, sendo conhecida por *Chorisia speciosa*. Pode ser distinguida à primeira vista por sua folha palmada, muito semelhante à dos ipês, e pelo tronco coberto de espinhos, muito largos na base (às vezes podem ser observados pés que não têm estes espinhos). De início, a casca é verde, colorido que permanece durante varios anos, mas com o correr do tempo se vai tornando acinzentado.

FLOR ATRAÍ

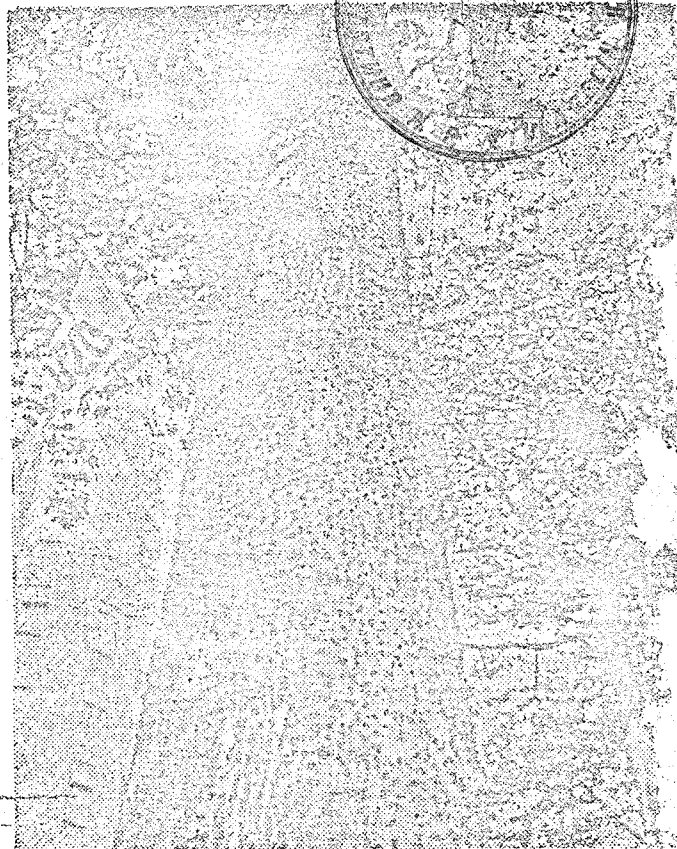
O que nesta espécie mais atrai o observador é o lindo aspecto de suas flores, que aparecem de fevereiro a abril. Em geral, são de varias tonalidades rosadas, mas foram também encontradas paineiras de flores brancas. Observam-se ainda grandes variações na intensidade do florescimento e na época deste. Quando se planta uma avenida, por exemplo, nunca se pode saber de antemão qual será seu aspecto final. Também a altura e o formato das copas variam bastante. A uniformização de uma avenida com paineiras só se consegue pela enxertia e já se tem procedido desta forma, com resultados muito satisfatórios.

Entre todas as arvores usadas nos parques e em avenidas, a paineira é provavelmente uma das mais fáceis de transplantar. Poucas são as mudas perdidas na operação. Sem preocupação de carregar terra junto com as raízes, obtêm-se ótimos pegamentos quando se faz a transplantação por ocasião do repouso hibernar. Como acontece com tantas outras espécies, também a paineira perde suas folhas nos meses de frio.

FRUTO DA FLOCOS

Os frutos das paineiras são grandes e se abrem nos meses de agosto e setembro. De-

les se desprendem fios como os do algodão e que ajudam a carregar as sementes, pretas e redondas. Às vezes, devido à abundância deste "algodão", a existência das paineiras se tem tornado até desagradável. Em outros lugares, os frutos são colhidos ainda verdes e depois de abrirem, o "algodão" é colhido para ser usado no enchimento de travesseiros etc.



A paineira leva sua beleza às alturas



A PAINA, *Chorisia speciosa* St. Hil.

EXISTEM POR AQUI TANTOS CAPITAIS INATIVOS, PORQUE NÃO ARRISCÁ-LOS NUMA CULTURA E EXPLORAÇÃO DA PAINA?

(ESPECIAL)

Ha mais de vinte anos, o Dr. F.C. Hoehne "chamava a atençã dos capitalistas e industriais para esta riqueza inexplorada que temos nas PAINEIRAS da nossa flora indigena" (1) acrescentando:

"A paina, que, ao que nos consta, nunca foi aproveitada entre nós, senão para enchimento de almofadas, travesseiros e sudores de arreios, que só aqui e ali é conhecida como materia prima para outros misteres, deve, efectivamente, merecer a atenção dos grandes capitalistas e industriais, que, ao lado do desejo de ganhar dinheiro, sentem prazer em ver sua patria prospera, cada vez mais rica."

Depois mais vezes o incansavel diretor do Instituto de Botânica, tratou do assunto em artigos e monografias; outros autores encarceram tambem o valor da KAPOK nacional, divulgando pelas paginas da CHACARAS E QUINTAIS as virtudes da planta e o aproveitamento da sua paina: até um livro foi editado, livro que pode ser obtido na nossa Livraria Agricola (2).

Na sua divulgação sobre a paina, o sr. Hoehne cita o seu facil e necessário aproveitamento como material de enchimento para colchão, almofadas, acolchoados, travesseiros, estofados, sacos e cintos salva-vidas, acrescentando que "é na marinha mercante e de guerra que ela encontra os melhores empregos, pois como enchimento de salvavidas nenhum outro material lhe leva vantagens. Sobre os mais aproveitáveis, tem a particularidade de ser refrataria á umidade, mais resis-

tente à imersão e à ação da agua do mar. Além da propriedade anti-hidrica, que é natural à paina, leva a vantagem de ser pessimo condutor de calor e, como o pior condutor



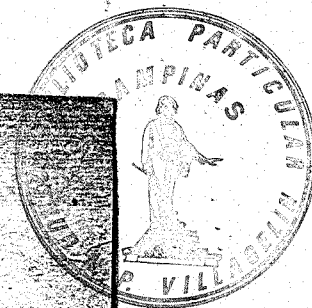
Um belo exemplar de PAINEIRA, *Chorisia speciosa* St. Hil., carregado de frutos: Existe na Rua do Comércio, em Pinheiros, cidade de São Paulo. (Foto Hoehne)

de calor é sempre o melhor retentor do mesmo, se recomenda para estofos, forros e agasalhos. E, o que tudo isso significa para um

(1) Vide "Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo" — Vol. I — Fasc. 4 — Julho de 1927 — S. PAULO.

(2) "PAINEIRA BRANCA", Adolfo Wansschaffe, monografia completa, custando apenas Cr.\$ 5,00.

(Da Revista "Chácaras e Quintais", de 15-julho-1947)



material tão leve, tão fácil de obter como a paina, pode ser avaliado, facilmente, quando se pensa na multidão de empregos que se lhe pode dar:

Estes trechos são de importância evidente:

"Os aviadores encontram na paina o material ideal para se aquecerem nas grandes alturas, porque não correm o risco de sobre-carregarem com ele os seus aparelhos. Outro benefício inestimável advém aos aviadores do uso de roupas forradas com paina. Caindo ao mar ou rio, servem-lhes de salva-vida. Mesmo com 500 gramas de paina metida entre as roupas ou sob o forro do colete, o naufrago não corre perigo de morrer afogado e consegue manter-se à superfície da água sem maior dificuldade. Ficou comprovado que a paina é, por todos os mencionados motivos, o ideal para os hospitais, asilos, escolas, etc., porque, além de leve e quente, é anti-microbiana. Graças a uma substância química que encerra, mata os microbios, afasta as pulgas, afugenta os bichos: traças, baratas e percevejos.

Suas sementes são oleaginosas produzindo 20 a 30% de óleo pesado e encontram emprego nas artes, na culinária e nas indústrias. O farelo que resta da expressão do óleo é tido como um bom alimento para os porcos e preconizado como adubo de primeira ordem. As cascas das cápsulas fornecem combustível regular e a madeira leve, esponjosa, e macia, tem diversos usos, inclusive canoas e jangadas que resistem melhor do que qualquer madeira, aos embates da fúria do mar.

Depois de estudar as diversas espécies botânicas das paineiras não só as exóticas, como as brasileiras, escreve o A.:

"Nenhuma espécie é, porém, abundante e garante maiores e mais seguros lucros do que a *Chorisia speciosa*, St. Hil., que é a paineira mais comum e mais conhecida, mesmo mais bonita, dos arredores de São Paulo e interior deste Estado. Em todos os recantos pode ser vista em exemplares isolados que se levantam garbosamente formando ampla copa".

Na própria Capital, há árvores belíssimas e até no centro, haja vista os belíssimos pés nos fundos do Ginásio de São Bento, na Liberdade e outros lugares. O pé reproduzido neste artigo está no bairro de Pinheiros, bairro paulista.

Temos em tempo distribuído sementes desta paineira e ainda agora recebemos um cartucho do nosso correspondente Eng.º Agr.º C. de Assis Fonseca (Rua Faul Pompeia, 21 — Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais).

A cultura desta planta, por estacas ou sementes, é tão fácil que dispensa qualquer con-

selho. Reproduzimos a seguir o parágrafo que no artigo do sr. Hoehne descreve a colheita e o preparo da paina, servindo desta arte, como resposta á consulta da Exma. Madame de S., do Interior deste Estado:

"A colheita da paina consiste no corte das cápsulas antes delas se abrirem nas árvores e varia de acordo com a espécie que se cultiva.

Das árvores silvestres espontâneas, que, em regra, alcançam dimensões colossais, a colheita é ainda dificultada pela vegetação circunjacente e pelos espinhos que revestem o tronco e os ramos de muitas espécies impossibilitam o acesso do colhedor.

Na *Chorisia speciosa*, St. Hil., uma das mais preciosas produtoras de paina, são estes espinhos muito abundantes e perigosos.

Para facilitar a colheita, recomenda-se portanto cultivar as árvores em grupos maiores e em terrenos despidos de outras árvores, onde se possa chegar a elas de todos os lados com um podão preso á ponta de um longo bambú. Desde que este podão não mais alcance as cápsulas para colhê-las, faz-se necessário cortar ás árvores a um ou dois metros sobre o solo para novamente brotarem e desenvolverem ramos mais acessíveis.

Como todos os ramos mais grossos podem ser aproveitados para multiplicação, esta póda, só pôde redundar no aumento progressivo da cultura. Desta maneira, de uma só grande paineira, conseguir-se pôde, uma grande floresta.

Quando se observa o arrebentar das primeiras cápsulas nas árvores, chegado é o momento da colheita. Todas as cápsulas em condições de serem colhidas se apresentam amareladas e produzem um som ôco quando se bate sobre elas. Com o auxílio do podão e do bambú supra-mencionados, cortam-se os raminhos que as sustentam, o que é grandemente facilitado pela ausência das folhas e pouca resistência do lenho dos mesmos raminhos.

As cápsulas cortadas são, em seguida, apanhadas e levadas para um alpendre, espalhadas sobre girâus ou pelo chão, se este estiver duro e bem limpo.

Findo alguns dias, elas terão completada a sua maturação e se fenderão espontaneamente. Mas, as que se não abrirem por si, poderão ser forçadas a tanto, com duas ou três pancadas dadas numa das suas extremidades com um macete de madeira.

A medida que as cápsulas se vão fendendo ou sendo abertas á força, a paina é recolhida em samburás ou caixas, para que se possa dis-tender bem e secar antes de ser exportada.

O processo de acondicionar a paina em fardos prensados demasiadamente, não convém, porque danifica enormemente a resistência e elasticidade das delicadas fibras. O mais recomendável é o acondicionamento em balaços ou sacos.

As sementes que não tiverem caído durante a manipulação da extração da paina das cápsulas, podem ser extraídas dela facilmente, quando se coloca esta sobre uma esteira com malhas que permitam a passagem das sementes. Estende-se a mesma sobre um girau e batendo sobre a paina com uma delgada vara, os grãos irão para o fundo, vararão os espaços da esteira e sobre esta restará a paina limpa, pronta para ser embalada.

REPRODUÇÃO DO CAQUIZEIRO

Do RIO DE JANEIRO, recebemos a seguinte consulta assinada Madame B. — "Leitora assídua, embora não assinante, da nossa mui querida revista CHACARAS E QUINTAIS, venho por meio desta pedir-lhe um grande favor: Tendo um sítio ainda em formação e desejando fazer uma pequena plantação de CAQUIS, desejava saber se é possível o

senhor me indicar o meio de conseguir sementes de *Diospyrus virginiana* para reproduzir um caquizeiro de ótima qualidade, já existente no sítio. Sem mais, agradeço desde já a sua preciosa informação pelas colunas de CHACARAS E QUINTAIS, o mais breve possível, e subscrevo-me etc."

RESPOSTA:

- de um modo geral o comércio de sementes não negocia com sementes de árvores frutíferas, mas a consulente pode dirigir-se aos viveiristas que anunciam em CHACARAS E QUINTAIS, para ver se consegue as sementes desejadas.
 - Caso não consiga, pode a consulente adquirir os frutos maduros de *Diospyrus virginiana*, para deles extrair as sementes destinadas à obtenção dos porta-enxertos. Em S. Paulo, a época de frutificação dessa fruteira é em Março-Abril.
 - o caquizeiro de ótima qualidade existente no sítio da consulente poderá assim ser reproduzido por enxertia, de preferência pelo processo de garfagem em fenda, que tem dado ótimos resultados.
- GERALDO GOULART DA SILVEIRA
(Engenheiro-Agrônomo)

PLANTAS FRUTÍFERAS ENXERTADAS QUE PROPORCIONAM SATISFAÇÃO

Laranjeiras	—	Limoeiros
Crapefrutos	—	Limeiras
Tangerineiras	—	Abacateiros
Mangueiras	—	Anonas
Videiras	—	Macieiras
Pereiras	—	Pêssegueiros
Nogueiras	—	Ameixeiros

e uma infinidade de outras plantas frutíferas de valor.
NOGUEIRA DO OLEO TUNGUE. COQUEIROS ANÃO LEGÍTIMOS.
PLANTAS ORNAMENTAIS PARA OS MAIS DIVERSOS FINS.
V. S. encontrará na firma que há mais de 52 anos vem servindo o país no ramo de fruticultura e floricultura.



DIERBERGER AGRICOLA LTDA.

FAZENDA CITRA

Caixa Postal, 48 — Fone, 121
LIMEIRA, C. P. — Estado de São Paulo

Folhetos e Catálogos GRATIS aos interessados





PAISAGISMO

Cultivo de palmeiras imperiais

Desde o início do século passado, as palmeiras imperiais tornaram-se símbolo heráldico. Eram comuns nas alamedas das grandes mansões e palácios das famílias mais representativas de nossa terra.

Hermes Moreira de Souza

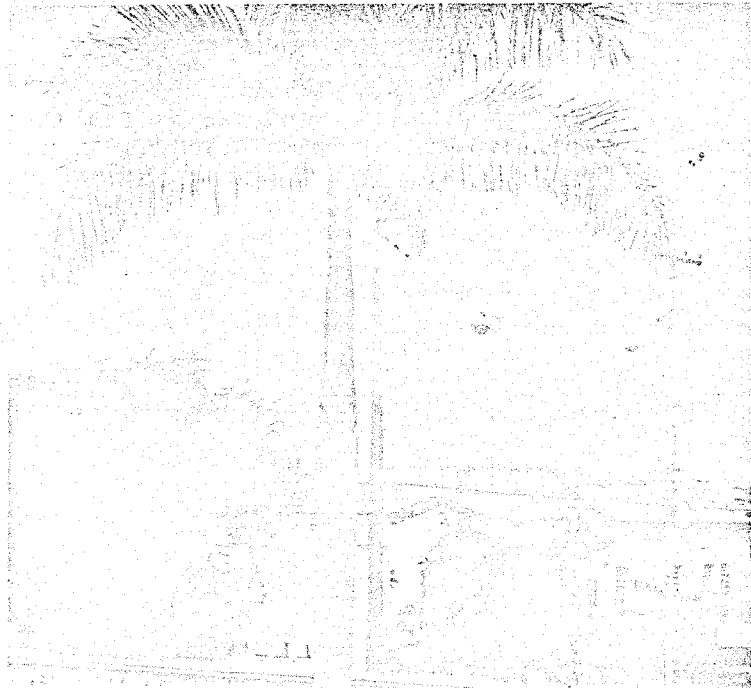
Em Suplemento anterior, referimo-nos à importância das palmeiras no paisagismo, em virtude de possuírem porte esbelto e elegante, a par de uma grande harmonia no conjunto formado pelo tronco e copa. Além das características típicas que as palmeiras transmitem ao ambiente, imprimem-lhe também um ar de nobreza, principalmente quando possuem porte altaneiro e elevado. Por esse motivo, são consideradas príncipes da natureza.

Essas características são encontradas principal e marcadamente nas palmeiras imperiais. Desde os inícios do século passado, tornaram-se o símbolo heráldico da entrada e das alamedas das grandes mansões e palácios das famílias mais representativas, não só do meio urbano como de meio rural.

A princípio, as palmeiras imperiais foram classificadas no gênero botânico *Oreodoxa*, palavra de origem grega com o significado figurado de "glória da montanha", alusivo ao porte elevado, que pode ultrapassar 30 m. Atualmente estão classificadas no gênero *Roystonea*, palavra formada pelo nome do general Roy Stone que foi engenheiro em Porto Rico no século passado.

Ao todo, são cinco as espécies de palmeiras imperiais; desse número, duas são bem conhecidas e definidas no País e uma é confundida pelas pessoas menos avisadas com as duas anteriores. Uma quarta espécie foi introduzida nos últimos anos em Campinas e somente poderá ser multiplicada e divulgada quando iniciar a frutificação. A quinta espécie ainda não foi introduzida nas coleções oficiais ou particulares.

Dado o número de espécies introduzidas, não é difícil imaginar a confusão de muitos viveiristas, apesar de serem bem distintas. Essa confusão tem causado um certo prejuízo ao paisagismo, em virtude de cada uma das espécies comportar-se de maneira especial; o plantio misturado resulta em falta de harmonia, uniformidade e beleza. Esse fato jamais aconteceu, conforme atestam os culti-



Exemplar ainda jovem de *Roystonea borinquena*, palmeira imperial de porto rico, espécie frequentemente confundida com *R. oleracea* (palmeira imperial legítima) e *R. regia* (palmeira real ou palmeira imperial falsa). Pode-se notar a dilatação na porção média do tronco, o afinamento da extremidade superior do tronco e a forma cônica do palmito, caracteres que diferenciam perfeitamente a espécie.

vos ainda remanescentes, porque a espécie em primeiro lugar introduzida foi uma única e justamente a de maior imponência.

A primeira espécie, que ganhou grande notoriedade e popularidade por ter sido plantada por D. João VI no Rio de Janeiro, foi a *Roystonea oleracea*. Entre os povos de língua inglesa, é conhecida pelo nome de palmeira-real das Caraíbas ou do Caribe, sua região de origem. Entre nós é a palmeira-imperial ou ainda palmeira-imperial legítima. Possui uma série de características que a diferenciam com facilidade e que podem ser assim resumidos: tronco até com mais de 30 m de altura, quase cilíndrico, sem irregularidade, palmito espesso, cilíndrico; folhas com folíolos partindo apenas em direções opostas, dando-lhes o aspecto de planas, os folíolos são largos; as folhas não recobrem o palmito; a inflorescência emerge de maneira que suas ramificações são marcadamente onduladas; os frutos são alongados, cilíndricos e cor de vinho.

A segunda espécie mais conhecida do palmeira im-

perial tem entre os povos de língua inglesa o nome de palmeira-real de cuba e, entre os viveiristas, os de palmeiras-real ou palmeira-imperial falsa. É originária de Cuba e foi introduzida no País bem depois da espécie anterior. Pertence à espécie *R. regia* e seus caracteres marcantes são os seguintes: tronco de 12 a 15 m de altura e no máximo 20 m, com delimitamento irregular por apresentar deformações ou dilatações ao longo do com-

primento; folhas com folíolos que partem em várias séries para diversas direções, dando-lhes o aspec-

to de crespas ou cilíndricas; folíolos estreitos; palmito espesso, cilíndrico, escondido pelas folhas que se curvam para baixo; frutos arredondados, cor de vinho.

A terceira espécie de palmeira-imperial é facilmente confundida pelas pessoas menos avisadas com qualquer uma das espécies citadas. É conhecida pelos povos de língua inglesa pelo nome de palmeira-real de porto rico, de onde é originária, sendo aí chamada pelo nome indígena de "borinquena". Entre nós, recorda-se, é confundida tanto com a *Roystonea oleracea* como com a *R. regia*, e por esse motivo ora é chamada de palmeira-imperial legítima, ora de palmeira-real ou palmeira-imperial falsa. É espécie bem definida, cujo nome específico é tirado da designação indígena: *Roystonea Borinquena*.

Os caracteres visuais e gerais de *R. borinquena* podem ser assim resumidos: tronco com altura média ao redor de 15 m, entumescendo-se acima da porção média e com um certo acinturamento, porém de delineamento harmonioso; o tronco afina-se na extremidade superior, junto à base do palmito; o palmito é espesso e grande, porém de formato cônico, afinando-se na extremidade

superior; as folhas são formadas por folíolos estreitos que partem em diversas séries para várias direções, dando às folhas o aspecto de crespas ou cilíndricas; os frutos são alongados, arredondados, pardos-amarelados.

Quando as mudas são novas, tendo-se certeza de tratar-se de uma sementeira de *Roystonea*, é possível diferenciar a *R. oleracea* de qualquer uma das outras duas: a *R. oleracea* tem folíolos largos, e as demais estreitos ou finos. Na forma de mudas jovens, é impossível diferenciar a *R. regia* da *R. borinquena*. Essa diferenciação somente pode ser feita quando a última espécie adquirir porte quase adulto. Entretanto, há sempre uma possibilidade maior de tratar-se de *R. regia*, em virtude desta produzir sementes com maior facilidade e abundância, o que não acontece com *R. borinquena*. Além disso, a frequência de mistura com *R. oleracea* é muito maior com *R. regia*, por ser esta mais disseminada.

A quarta espécie de palmeira-imperial introduzida, ao que se saiba, apenas em Campinas, SP, é *Roystonea elata*. É conhecida pelos povos de língua inglesa pelo nome de palmeira-real da Flórida, de onde é originária.



PAISAGISMO

As palmeiras imperiais

De todas as espécies de palmeiras, nenhuma rivaliza em imponência e em beleza com as palmeiras imperiais, que de certa forma estão ligadas a uma fase da história nacional, como se vê neste artigo.

Hermes Moreira de Souza

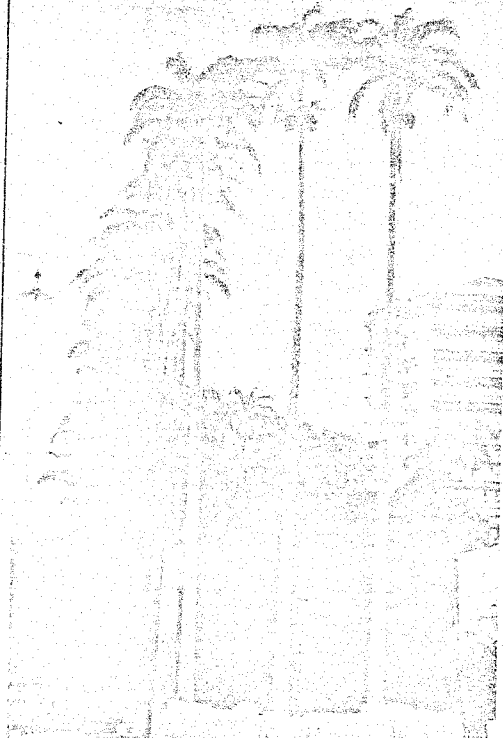
As palmeiras são um dos elementos mais importantes do paisagismo, pois, de um modo geral, todas elas possuem porte esbelto e elegante, predominando uma grande harmonia no conjunto formado pelo tronco e copa. Essa regularidade mantém-se mesmo quando entram em composição de maciços densos. Ao lado das características tropicais, as palmeiras imem um ar aristocrático ambiente, motivo por que, com muito fundamento, são consideradas os vegetais príncipes da natureza. A Sociedade Americana de Palmeiras, com sede nos Estados Unidos, publica um boletim mensal dedicado às palmeiras, o qual tem o nome de "Príncipes".

Evidentemente, nem todas as palmeiras possuem porte e imponência. Muitas são de porte modesto; outras são desprovidas de caule e as folhas emergem diretamente da superfície do solo, assemelhando-se a plantas herbáceas ou rasteiras; outras, ainda, não ultrapassam o porte de um pequeno arbusto e prestam-se principalmente para o cultivo em vasos.

De todas as espécies de palmeiras, cujo número se eleva a mais de 1.200, disseminadas em cerca de 150 países, nenhuma rivaliza em imponência e beleza com as palmeiras imperiais, que de certa forma estão ligadas a uma fase da história nacional. Sua fama já era grande no começo do século 19, o que levou D. João VI, logo depois de ter fundado o Horto Real, que viria a ser o atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a plantar um exemplar, conhecido por muitas dezenas de anos e até nossos dias, pelo nome de Palma Mater, em virtude de ter-se tornado a palmeira-mãe de todas as demais que viriam a ser cultivadas no País. Essa palmeira famosa, atingida por um raio, morreu em 1972, aos 163 anos.

A palmeira imperial, desde os primórdios do século passado, viria a ser o símbolo heráldico constante da entrada e das alamedas das grandes mansões e palácios.

Inicialmente, as palmeiras imperiais pertenceram ao gênero botânico *Oreodera*, palavra de origem grega



As palmeiras imperiais legítimas pertencem à espécie *Roystonea oleracea*; são de grande porte, tendo os troncos linhas muito regulares.

com o significado aproximado de glória da montanha, alusivo ao seu grande porte. Realmente, com o tempo, podem alcançar mais de 30 metros de altura, destacando-se como os mais altos representantes das palmáceas. Atualmente, estão classificados no gênero *Roystonea*, criado em homenagem a um general do século passado, Roy Stone, que foi engenheiro em Porto Rico.

As palmeiras imperiais são representadas por diversas espécies e seu número eleva-se, entre as mais conhecidas, pelo menos a quatro. O fator sorte parece ter contribuído de maneira decisiva para o grande prestígio e popularidade que alcançaram porque, premeditadamente ou não a primeira espécie introduzida foi justamente a de maior imponência, beleza e efeito paisagístico, ou seja, a *Roystonea oleracea*. Bem mais tarde e possivelmente já neste século, viriam a ser introduzidas outras duas espécies, mas destituídas de porte, garbo e imponência da primeira. Convém recordar que a introdução dessas outras espécies de palmeiras impe-

riais acarretou uma grande perturbação entre os paisagistas e pessoas admiradoras das palmeiras imperiais. Isso porque cada uma das espécies se comporta de maneira diferente e o plantio misturado provoca a falta de uniformidade, harmonia e beleza, fato que jamais aconteceu no passado, conforme atestam os cultivos antigos remanescentes.

O plantio misturado das espécies, além de causar uma lesão no paisagismo, resulta em muitas decepções após os inúmeros anos



As palmeiras reais ou imperiais-falsas pertencem à espécie *R. regia*; têm porte bem mais baixo do que as imperiais legítimas, apresentando o tronco deformações ou delineamento irregular.

necessários para as palmeiras atingirem o porte necessário a definição de sua silhueta. A mistura de espécies de palmeiras imperiais foi devida ao fato de os viveiristas produtores de mudas não terem sido advertidos em tempo sobre as várias espécies de palmeiras imperiais. O desconhecimento desse fato levou-os a misturarem as sementes colhidas de plantas diferentes, bem como as mudas delas resultantes.

Os viveiristas mais avisados e cuidadosos procuram diferenciar pelo me-

nos duas espécies de palmeiras imperiais, utilizando-se de nomes comuns ou vulgares. Assim, designam pelo nome de palmeira imperial legítima ou verdadeira, a *Roystonea oleracea*, que possui tronco muito alto, quase perfeitamente cilíndrico e, por isso, de grande imponência. Chamada de palmeira real, ou palmeira imperial não legítima ou falsa, a espécie *R. regia*, que possui tronco bem mais baixo, entre 10 e 15 m de altura e linhas irregulares, ou seja, o tronco apresenta deformidades

ou dilatações irregulares, sendo assim destituído da beleza que caracteriza a primeira espécie.

A tendência atual é a de multiplicar, infelizmente com muito maior intensidade, a segunda espécie, *R. regia*, em virtude de ser muito mais fácil a colheita de suas sementes; estas, além disso, são produzidas numa quantidade bem maior do que na *R. oleracea*. Esta, por produzir em escala bem menor e por ser muito mais alta, exige a coleta diária, devendo-se acrescentar ainda, como fator contrário à sua multiplicação, o fato de iniciar a frutificação quando as plantas têm bem mais de vinte anos de idade.

Todos esses fatos levam os produtores de mudas de palmeiras imperiais legítimas, ou seja, *R. oleracea*, a estabelecerem preços altos para suas mudas, o que, de certa forma, é plenamente justificável. O que não se justifica é a fixação de preços idênticos para a outra espécie, *R. regia*, que é muito mais fácil de multiplicar. Evidentemente, os viveiristas produtores de mudas dessas palmeiras precisam estar plenamente conscientes desses pormenores, a fim de fornecerem a muda certa pelo preço justo.

Para agravar um pouco mais a confusão entre as espécies de palmeiras imperiais, uma terceira espécie aparece de mistura com as outras duas. Trata-se de *Roystonea borinquena*, conhecida entre os povos de língua inglesa por palmeira-real de porto rico. Aliás, o nome específico é tirado de sua denominação indígena.

Em outro artigo, tentaremos expor a diferenciação visual entre as três espécies.